

tificados também pelos seus vizinhos. Ambos os grupos tribais são focalizados frente ao contato com os civilizados e ao convívio intertribal. Segundo o autor: "...esboçou-se um perfil dos ajustamentos resultantes da interação entre os membros de ambos os grupos e destes com os civilizados".

O objetivo principal do autor foi mostrar a situação atual de dois grupos tribais, com padrões culturais diferentes, obrigados por circunstâncias externas a conviver em uma mesma reserva indígena e a enfrentar uma idêntica situação de contato interétnico.

A primeira parte da monografia refere-se a um levantamento da situação econômico-social, aspectos físicos e demográficos atuais da área onde se encontra a reserva indígena do Araribá e um histórico dos municípios de Avaí e Duartina, ambos localizados na micro-região homogênea de Bauru, com os quais os indígenas mantêm maior contato. Apresenta, ainda, uma cronologia histórica da instalação da reserva com dados relativos à sua criação; à composição da população; aos trabalhos agrícolas realizados pelos índios e às atividades desenvolvidas pelo posto indígena, no período de 1911 a 1974.

Na segunda parte são focalizados os dois grupos indígenas, numa perspectiva histórica que permite visualizar as migrações e as conseqüências advindas com a intensificação do contato. Trata ainda das atividades econômicas, mencionando que além da agricultura de subsistência, os indígenas dedicam-se à sericicultura. Por outro lado tanto indivíduos Terêna como Guarani, vendem sua força de trabalho para os fazendeiros e sitiantes vizinhos. Com o dinheiro arrecadado, compram utilidades incorporadas pelo longo contato, fato que propicia uma relativa integração na sociedade brasileira regional. Ainda na segunda parte da monografia, são tratados os seguintes assuntos: instituições de parentesco; chefias; crenças e xamanismo.

Na terceira parte, o autor trata das relações intertribais e interétnicas. Coloca as situações resultantes dessas relações, destacando as semelhanças e os contrastes existente entre os Terêna e os Guarani. Refere-se também ao fato de que, embora haja uma descaracterização sócio-cultural, ambos os grupos tribais "...mantêm uma escala suficientemente alta de coesão tribal que permite tratá-los como duas unidades étnicas específicas". No convívio com o "civilizado" regional, existem manifestações recíprocas de preconceito, embora não sejam agressivas. O contato trouxe uma ambivalência de comportamento que se torna manifesta em várias ocasiões.

Láís M. Cardia

*

FELIX ZUBLILLAGA. *Las lenguas indígenas de Nueve España en la actividad jesuita del siglo XVI*. Caracas, Universidad Católica Andrés Bello (Instituto de Investigaciones Históricas), 1975. 55 p.

A revisão da história da catequese religiosa e das relações Igreja-Estado na América Colonial tem ocupado a atenção de muitos estudiosos, religiosos ou leigos.

Para exemplificação citem-se: Thales de Azevedo (*Igreja e Estado em tensão e crise*), Lewis Hanke (*Aristóteles e os índios americanos*), Joseph Höffner (*Colonialismo e evangelho*), Eduardo Hoornaert (*História da igreja do Brasil*), Enrique Dussel (*História de la iglesia en america Latina*), Clovis Lugon (*A república comunista cristã dos guaranis*), Bartomeu Meliá (*Para una Historia de la evangelización en América Latina*).

Felix Zublillaga, da Companhia de Jesus, se especializou na história da igreja da “Nueva España”, tendo publicado em 1969 como edição do *Archivum Historicum Societatis Iesu*, um alentado estudo sobre *La provincia jesuitica de Nueva España — su fundamento económico: siglo XVI*;

No trabalho apresentado cuida especialmente da catequese religiosa entre os grupos indígenas Otomies, Tarasco, Nahuatl e Sinaloenses, enfatizando o papel da língua na evangelização.

Desde o início da colonização, os jesuítas se aperceberam da necessidade do estudo e aprendizagem das línguas ditas nativas para poder melhor levar a cabo as tarefas inerentes à igreja.

Já em 1577, quando da primeira congregação provincial mexicana, o Pe. Mercuriano informava: “En estas residencias podrán los nuestros deprender las lenguas y exercitalas y ayudar alli y la comarca, con nuestros ministerios a los naturales”. A convivência diuturna dos padres com os indígenas permitia ao recém-chegado à América o aprendizado preciso das línguas Otomí e Nahuatl. O padre já citado afirmava que “sin aver aprendido lengua de índios, sino que también pasen de latinidad a artes y de philosophía a theología, sin averla aprendido” não deveriam ser ordenados os postulantes à carreira eclesiástica.

Os primeiros contatos dos jesuítas com os nativos no altiplano mexicano deu-se em 1572. Logo trataram de fundar um colégio e, seguindo as instruções de Francisco de Borja, não deveriam “tomar de repartimento que llaman de la doctrina christiana, ny cura de almas, sino ayudar más bien con misiones, según la forma de nuestro ynstituto, sin tomar ello stipendio alguno, aunque sea lícito tomar para sustentación la limosna necesaria”.

Logo acorrem à Companhia alguns “lenguas” que se tornaram indispensáveis na catequização: irmãos Juan de Tovar e Alonso de Santiago e padre Hernán Gómez, este último mui conhecedor das línguas Náhuatl, Otomí e Mazahua.

Em 1584, o Pe. Acquaviva escrevia: “Yo he hallado hasta dieciocho lengua en toda la provincia: quatro otomies, quatro tarascas y las demas mexicanas. Destas, los quatro de la mexicana, no han acabado sus estudios de theología, aunque están ordenados; pero, con todo eso, ayudarán este año que les falta, aqui en México, a los índios que aqui residen, que son muchos. En la Puebla de los Angeles es necesario un obrero por lo menos, para cinco o seis mil índios que alli hai en los obrages de

paños. En los dos seminarios de Thepoçotlán y Pázcaro on necesarios dos, por lomenos, en cada uno: el uno para maestro de la lengua, el otro para tratar y ayudar los índios. En Guajaca (Oaxaca) es necesaria también otra lengua para los mesmos índios dela cuidad”.

O uso e importância da língua nativa na catequização são documentados constantemente. A carta ânua de março de 1480 informava acerca da missão de Pátzcuáro: “Aprenden algunos de los nuestros lengua tarasca, que corre en aquella provincia, y confiesan ya y predicán en ella. Cada dia se ve mayor aprovechamiento en la juventud con la escuela de niños índios, procurando promoverlos adelante en la latinidad. Anse echo de aquel colegio muchas misiones por todo aquitl descricto con mucho fructo”. Em outra carta ânua, a de abril de 1552, que alude aos trabalhos desenvolvidos no colégio de Valladolid (atual Morelia), encontramos: “Después que se puso aqui un padre que sabe la lengua de los índios desta provincia se ve en ellos (índios) muchos acrecentamiento en virtud, y oyen de muy buena gana los sermones que el dicho padre les predica, todos los domingos; y salen de ellos, de ordinario, muchos deseo de confesarse, de suerte que nunca faltan confesiones, y algunas de ellas generales”.

O certo é que ao utilizarem as línguas indígenas americanas para nelas exercerem seu apostolado, os jesuítas deixaram documentos lingüísticos de alta valia, semelhante, *mutatis mutandis*, aos estudos modernos feitos pelo membro de *Summer Institute of Linguistics*, que estão a documentar com proficiência e acuidade um sem número de línguas indígenas.

Erasmu d'A. Magalhães

*

MAX H. BOUDIN. *Dicionário de tupi moderno (dialeto tembé-tênêtéhar do alto rio Gurupi)*. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. 2 vols. 344 + 393 p.

Ao lado dos principais centros de investigação de línguas indígenas brasileiras (Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi, etc.) surgem figuras isoladas que estão a enriquecer a bibliografia especializada.

Dentre estas últimas é forçoso citar o nome de Max Boudin, professor com grande experiência em pesquisa de campo, autor de muitos estudos, entre outros: “Singula-ridades da língua Ia-té “(1950)”; Apontamentos para um estudo da língua Kre-Yé, dialeto Timbira do alto Gurupi “(1950)”, Os índios Fulniô “(1964)”. O simbolismo verbal primitivo — análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani “(1963)”.

O último trabalho citado constitui, sem sombra de dúvida, complemento indispensável do dicionário aqui resenhado, estudando o dialeto Tembê (Língua Tenetehara —